

PLANEJAMENTO DE AULA DOCENTE: ORIENTAÇÕES E REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

Data de submissão: 03/07/2023

Data de aceite: 01/08/2023

Edson Ferreira Alves

Secretaria Municipal de Educação
São Luís de Montes Belos, Goiás
<http://lattes.cnpq.br/6718842318091615>

RESUMO: O presente texto abrange, a partir do campo da Didática, os fundamentos e elementos do plano de aula docente. Visa contribuir com a formação continuada e em serviço de professores, resgatando os princípios e as partes que compõem o plano de aula: objetivos, objetos do conhecimento, estratégias, recursos e avaliação. Por meio de pesquisa bibliográfica, as análises e sugestões apresentadas apontam para a necessidade de planos de aula intencionalmente estruturados para execução de aulas que promovam um ensino de qualidade e uma aprendizagem significativa.

PALAVRAS-CHAVE: Didática.
Planejamento. Plano de aula.

TEACHING CLASS PLANNING: GUIDELINES AND REFLECTIONS ON PRACTICE

ABSTRACT: This text covers, from the field

of Didactics, the fundamentals and elements of the teaching lesson plan. It aims to contribute to the continuous and in-service training of teachers, recovering the principles and parts that make up the lesson plan: objectives, objects of knowledge, strategies, resources and evaluation. Through bibliographical research, the analyzes and suggestions presented point to the need for intentionally structured lesson plans for the execution of classes that promote quality teaching and meaningful learning.

KEYWORDS: Didactic. Planning. Class plan.

1 | INTRODUÇÃO

“Uma aranha executa operações semelhantes às de tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colmeias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construir na cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já, desde o início existiu na imaginação do trabalhador, e, portanto, idealmente. Ele não apenas efetua

uma transformação da forma da matéria natural; realiza, ao mesmo tempo, na matéria natural seu objetivo, que ele sabe que determina, como lei a espécie e o modo de sua atividade ao qual tem de subordinar sua vontade". (KARL MARX)

O presente texto surgiu da necessidade, enquanto atuando na função de coordenador pedagógico, de sistematizar de forma sintetizada e clara os princípios e elementos centrais do plano de aula docente. A realidade denotava, mesmo com profissionais com relevante conhecimento dos conteúdos específicos dos componentes curriculares, a dificuldade em transformar tais objetos do conhecimento em aulas, ou seja, em fazer a transposição didática para prática que se inicia com um bom plano de aula. Nessa perspectiva, aula bem-feita começa com um bom planejamento. Ele garante sequência, consistência e coerência ao ato educativo que deve ser, em todos os casos, carregado de uma genuína intencionalidade. Um professor *show* pode ministrar uma, duas, três aulas-espetáculos, mas no percurso letivo, isso não se sustenta. O que o sustentará é o planejamento.

Nas palavras de Libâneo (2002, p. 222),

O planejamento é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social. A escola, os professores e alunos são integrantes da dinâmica das relações sociais; tudo o que acontece no meio escolar está atravessado por influências econômicas, políticas e culturais que caracterizam a sociedade de classe. Isso significa que os elementos do planejamento escolar - objetivos-conteúdos-métodos - estão recheados de implicações sociais, têm um significado genuinamente político. Por essa razão o planejamento, é uma atividade de reflexão acerca das nossas opções e ações; se não pensarmos didaticamente sobre o rumo que devemos dar ao nosso trabalho, ficaremos entregues aos rumos estabelecidos pelos interesses dominantes da sociedade

A partir dessas reflexões, entende-se que planejar é um processo mental que envolve análise, reflexão e previsão. É uma atividade tipicamente humana, e está presente na vida de todos os indivíduos, nos mais variados momentos. Adotando-se a intencionalidade como uma condição essencial da práxis docente, o plano de aula é o instrumento em que esta é sistematizada num projeto de mundo. Nesse sentido, ao planejar suas aulas, o professor constrói imaginativamente e com previsão, os cenários de ensino e possíveis aprendizagens decorrentes destes. Logo, o plano é o instrumento que precede e preside a ação (MATUS, 1993), e por essa importância, é a base para a ação docente em sala de aula e uma das principais atribuições deste profissional. Não se parte para o encontro com discentes no acaso, no improviso ou no vazio, mas com objetivos estruturados e claramente definidos, que serão materializados por meio de uma sequência de ações estrategicamente pensadas e controladas por meio de avaliações igualmente sistemáticas.

De acordo com Libâneo (2002, p. 223), o planejamento tem as seguintes funções:

a) Explicar os princípios, diretrizes e procedimentos do trabalho docente que as segurem a articulação entre as tarefas da escola e as exigências do contexto social e do processo de participação democrática.

b) Expressar os vínculos entre o posicionamento filosófico, político-pedagógico e profissional e as ações efetivas que o professor irá realizar na sala de aula, através de objetivos, conteúdos, métodos e formas organizativas de ensino.

c) Assegurar a racionalização, organização e coordenação do trabalho docente, de modo que a previsão das ações docentes possibilite ao professor a realização de um ensino de qualidade e evite a improvisação e a rotina.

d) Prever objetivos, conteúdos e métodos a partir de consideração das exigências postas pela realidade social, do nível de preparo e das condições socioculturais e individuais dos alunos.

e) Assegurar a unidade e a coerência do trabalho docente, uma vez que torna possível inter-relacionar, num plano, os elementos que compõem o processo de ensino: os objetivos (para que ensinar), os conteúdos (o que ensinar), os alunos e suas possibilidades (a quem ensinar), os métodos e técnicas (como ensinar) e avaliação que intimamente relacionada aos demais.

f) Atualizar os conteúdos do plano sempre que for preciso, aperfeiçoando-o em relação aos progressos feitos no campo dos conhecimentos, adequando-os às condições de aprendizagens dos alunos, aos métodos, técnicas e recursos de ensino que vão sendo incorporados nas experiências do cotidiano.

g) Facilitar a preparação das aulas: selecionar o material didático em tempo hábil, saber que tarefas professor e alunos devem executar. Replanejar o trabalho frente a novas situações que aparecem no decorrer das aulas. Para que os planos sejam efetivamente instrumentos para a ação, devem ser como guia de orientação e devem apresentar ordem sequencial, objetividade, coerência, flexibilidade.

Tomando como referência essa perspectiva teórica, o presente texto tem como objetivo geral contribuir com a formação docente em sua atribuição de elaboração dos planos de aula. Parte-se da perspectiva de que o plano de aula não deve se resumir ao expediente burocrático, mas firmar-se como o principal elemento inicial para a oferta de um processo de ensino com qualidade, afinal, como já dito, a boa aula começa com um bom plano. Por essa razão, o plano deve ser suporte e estar sempre a mão, a fim de que o docente possa consultá-lo e ele efetivamente contribua para “presidir” a ação.

Uma aula-show esporádica qualquer licenciado bem formado pode ministrar, agora sustentar aulas de qualidade num percurso letivo, com uma programação curricular definida como, por exemplo, o estipulado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018), só é possível se as aulas forem intencionalmente planejadas, ou seja, quando o professor “precede” sua ação canalizando seus conhecimentos, seus recursos, sua criatividade e o diagnóstico sincero das turmas para produção de uma práxis docente realmente efetiva.

Nos aspectos técnicos, ao se estudar sobre o plano de aula, alguns elementos constitutivos devem ser considerados: o cabeçalho completo, a unidade ou eixo temático, os objetivos específicos, os objetos de conhecimento (conteúdos), as estratégias, os recursos e o processo de avaliação da aprendizagem.

2 | OBJETIVOS DE ENSINO

Os objetivos de ensino são estabelecidos em torno do comportamento e das competências que se espera serem desenvolvidas pelos estudantes, contribuindo ainda para orientar sobre o que eles devem esperar da aula. Ao apresentar no início de cada aula aos discentes o que se pretende alcançar com o percurso didático, o professor trabalha a mobilização e alinhamento para que o plano de aula seja efetivamente executado.

Destacam-se as seguintes características dos objetivos específicos, conforme Libâneo (2002, p. 126-127):

- São orientados para os estudantes e não para as atividades desenvolvidas pelo professor (que comportamentos/conhecimentos devem ser adquiridos após o trabalho pedagógico?);
- Fornecem uma descrição dos resultados de aprendizagem desejados, vinculados aos conteúdos e estratégias, verificáveis pelos instrumentos avaliativos;
- São claros, precisos e explícitos;
- São relevantes, realizáveis e facilmente compreendidos.

A partir dessas características, é preciso estar atento à seleção dos objetivos ou habilidades, evitando verbos que permitem várias interpretações. Se este cuidado não for tomado, trará dificuldades no processo de avaliação discente.

| Exemplos de palavras passíveis de várias interpretações (não recomendáveis) | | Exemplos de palavras passíveis de poucas interpretações (recomendáveis) | |
|--|--|--|---|
| - avaliar completamente; - perceber o significado de; - desfrutar; - acreditar. | - saber; - compreender; - realmente; - ter fé em. | - resolver; - construir; - relacionar; - comparar; - contrastar. | - escrever; - expressar; - identificar; - diferenciar. |

Quadro 1. Sugestões de verbos iniciais para redação de objetivos ou habilidades

Fonte: Adaptação de: TEIXEIRA, G. **O planejamento em educação**: revisando conceitos. Disponível em: <http://www.serprofessoruniversitario.pro.br> . Acesso em: 07 jan. 2020.

Segundo Teixeira [s/d], ao selecionar *verbos de ação*, é necessário garantir que a palavra escolhida esteja diretamente relacionada com o objetivo que se pretende cumprir. Se um estudante é solicitado a resumir um tópico, então é provável que o objetivo cognitivo envolvido seja “sintetizar”.

| CLASSE | VERBOS DE AÇÃO ASSOCIADOS | | | |
|---------------------|---|-------------------------------------|---|---------------------------------------|
| Conhecimento | definir declarar listar | escrever relembrar reconhecer | sublinhar selecionar reproduzir | nomear rotular medir |
| Compreensão | identificar justificar selecionar | ilustrar representar nomear | explicar julgar contrastar | indicar formular classificar |
| Aplicação | predizer selecionar avaliar | escolher mostrar demonstrar | construir computar usar | encontrar explicar desempenhar |
| Análise | analisar identificar concluir | selecionar separar comparar | justificar resolver separar | diferenciar contrastar criticar |
| Síntese | combinar repetir sumarizar | arguir discutir organizar | selecionar relacionar generalizar | sintetizar derivar concluir |
| Avaliação | julgar determinar reconhecer | suportar defender atacar | identificar evitar selecionar | criticar escolher |

Quadro 2. Objetivos cognitivos e verbos de ação associados

Fonte: TEIXEIRA, G. **O planejamento em educação**: revisando conceitos. Disponível em: <http://www.serprofessoruniversitario.pro.br>. Acesso em: 07 jan. 2020.

Atualmente, tem ganhado espaço na formação de professores o alinhamento de objetivos e habilidades de aprendizagem com a taxonomia de Bloom (conforme Quadro 2) que visa trabalhar os domínios cognitivo, afetivo e psicomotor (FERRAZ; BELHOT, 2010).

3 | CONTEÚDOS OU OBJETOS DO CONHECIMENTO

Referem-se ao “o quê” ensinar, extraídos diretamente dos objetivos específicos, expectativas de aprendizagem ou habilidades. Atualmente, os objetos do conhecimento são fixados na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) e no documento curricular de cada estado e município.

Os objetos do conhecimento vinculam-se a conceitos, procedimentos e atitudes e estão diretamente relacionados ao conceito de competências, que são entendidas, conforme a BNCC, como a mobilização de saberes para a solução de problemas cotidianos, sejam simples ou complexos.

De acordo com Libâneo (2002), para se selecionar os conteúdos, é preciso levar em consideração: a) a correspondência entre os objetivos gerais e os conteúdos; b) o caráter científico; c) o caráter sistemático; d) a relevância social; e) a programação oficial; e, f) a acessibilidade e solidez.

4 | ESTRATÉGIAS DE ENSINO

Estratégias de ensino constituem as formas, ações, o “como” os objetos do conhecimento serão trabalhados com a classe. Para tanto, é necessário pensar no perfil da turma, número de estudante, recursos e espaços que serão necessários para colocar o conjunto de estratégias em prática. É o momento de materialização do plano de aula.

Recomenda-se a redação das estratégias de ensino em tópicos, considerando uma sequência lógica de ações que parte da apresentação aos estudantes das habilidades e objetos do conhecimento que serão trabalhados (mobilização); da efetivação da dinâmica da aula em si, ou seja, o passo a passo de como a aula será materializada; da realização de atividades de consolidação das aprendizagens; e das ações avaliativas que alimentarão a elaboração das aulas seguintes.

Seguem algumas sugestões de estratégias de ensino:

- Análise e discussão de charges, tirinhas, gravuras etc.;
- Análise expositiva/em grupos de documentos oficiais;
- Análise expositiva/em grupos de reportagens;
- Aplicação de atividades de fixação;
- Aplicação de atividades impressas ou reproduzidas no quadro;
- Construção de gráficos, tabelas, linha do tempo e calendário (em grupo, individual/ no laboratório);
- Correção coletiva oral ou no quadro;
- Estudo de grupo dirigido;
- Estudo individual dirigido;
- Explicação do conteúdo por meio de cartografia;
- Exposição contextualizada do conteúdo;
- Exposição dialogada do conteúdo utilizando cartazes, mapas, imagens;
- Exposição dialogada do conteúdo utilizando livro didático (citar a referência, volume, página);
- Exposição dialogada do conteúdo utilizando projetor de multimídia;
- Exposição oral do conteúdo e exemplificação;
- Leitura e fichamento de texto impresso ou do livro didático (individual ou em grupo);
- Leitura e síntese de texto impresso ou do livro didático (individual ou em grupo);
- Leitura em voz alta;
- Leitura silenciosa;
- Montagem de cartazes, painéis, murais;
- Pesquisa dirigida no Laboratório de Informática Educativa;
- Preparação de seminários e apresentação em grupo;
- Produção de slides (em grupo ou individual) no LIE e apresentação;
- Projeção de filme e discussão;

- Projeção de filme e produção de relatório ou síntese;
- Projeção de vídeo, documentário e debate;
- Realização de aulas-passeio (estudo de campo);
- Realização de debate;
- Realização de entrevistas;
- Realização de experimento;
- Realização de GVGO – Grupo de verbalização e grupo de observação;
- Produção de nuvens de palavras (tempestade de ideias): que já sabemos – para diagnóstico e introdução do novo conteúdo – e o que aprendemos – para síntese dos conteúdos estudados. A partir da nuvem de palavras, produzir um texto síntese;
- Realização de jogos, gincanas;
- Realização de júri simulado;
- Realização de oficinas de colagens;
- Realização de palestra com convidados;
- Realização de trabalho em grupo/individual: produção de esquemas, sumários, listas, etc.;
- Reescrita de textos (individual ou em grupo);
- Resolução de atividades do livro didático (individual ou em grupo);
- Resolução de atividades impressas (individual ou em grupo);
- Resolução de lista de exercícios impressa (individual ou em grupo);
- Resolução de situações-problemas (situações do cotidiano) (individual ou em grupo).

Orienta-se que essas estratégias não sejam simplesmente copiadas para o campo dos procedimentos, **mas que sejam detalhadas**, conforme sugerido anteriormente, em tópicos na sequência ADEA – **A**presentação / **D**esenvolvimento / **E**xercícios / **A**valiação.

Exemplo 1:

- a) Habilidade: Identificar as ideias centrais do texto;
- b) Objeto: Leitura e interpretação textual (texto “Os navegantes”);
- c) Estratégia: - Apresentação dos objetivos e desenvolvimento da aula;
 - Leitura silenciosa e depois coletiva do texto impresso “Os navegantes”;
 - Discussão do texto como foco nos elementos constitutivos da narrativa e nas ideias centrais;
 - Resolução de atividades passadas no quadro;
 - Correção oral das atividades.
- Fonte: Livro Conhecendo a Língua, 9º ano, p. 34-35.
- d) Recursos: texto impresso e quadro/pincel;

e) Avaliação: frequência ativa incluindo a participação na leitura, discussão e resolução das atividades.

Exemplo 2:

a) Habilidade: Relacionar as principais características da República Velha;

b) Objeto: Brasil, República Velha – transformações políticas e sociais;

c) Estratégia: - Apresentação dos objetivos e revisão das causas que levaram à queda do Império e proclamação da República;

- Tempestade de ideias: “A palavra é República” – fazer ligação entre as respostas e os termos e eventos históricos;

- Distribuir mapa mental impresso para os estudantes, fazer a leitura chamando atenção para os pontos de ligação e as imagens;

- Exposição oral dialogada, tirando as dúvidas sempre que surgirem;

- Resolução de questões objetivas, em folha impressa, visto e correção geral.

- Fontes:

<https://www.professorfiorin.com/2019/08/mapa-mental-republica-velha.html>

<https://brasilecola.uol.com.br/historiab/republica-velha-1889-1930.htm>

d) Recursos: mapa mental e questões impressos e quadro/pincel;

e) Avaliação: frequência ativa – participação durante a exposição e resolução das atividades.

No ato de planejamento da aula, o professor precisa ser capaz de mentalizar ou visualizar sua aula acontecendo, a fim de se antever a possíveis inviabilidades, ou seja, é o momento de “preceder” a ação.

Outro tema que tem adquirido espaço nas discussões de práticas de ensino refere-se ao uso das metodologias ativas em sala de aula, que visam, de forma geral, construir o protagonismo dos estudantes nos processos de aprendizagem. São exemplos de metodologias ativas: gamificação, *design thinking*, cultura *maker*, aprendizado por problemas (PBL), estudo de casos, aprendizado por projetos, sala de aula invertida, seminários e discussões (CAMARGO, 2018).

5 | RECURSOS

Os recursos didáticos referem-se aos bens materiais ou humanos que serão utilizados para colocar as estratégias em prática, ou seja, materializar as ações idealizadas.

Exemplos de recursos:

- Atividades impressas;
- Filmes, músicas, vídeos, imagens;
- Jogos, bolas, cordas, tabuleiros etc.;
- Jornais, revistas, livros, gibis e demais impressos;
- Laboratórios (informática, línguas, ciências);
- Livro didático;
- Projetor de multimídia, caixa de som, lousa digital;
- Textos impressos.

É preciso estar atento para não confundir recurso com estratégia. O primeiro é o material que se usa, a segunda é **como se usa** em favor da exploração dos objetos do conhecimento e visando atingir os objetivos propostos.

6 | AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Avaliar a aprendizagem visa verificar se os objetivos planejados foram alcançados, ou seja, se realmente as aprendizagens foram consolidadas. Há várias modalidades de diferenciação das ações avaliativas conforme o plano de aula proposto. Segundo Gonçalves e Larchert (2012, p. 58), destacam-se:

A **avaliação somativa** ocorre a partir de descrição e julgamento, com o objetivo de classificar, atribuir notas. Geralmente acontece no final do processo da aprendizagem.

A **avaliação formativa** acontece quando o curso está dividido em pequenas unidades. Determina se o aluno está apto a prosseguir, identificando as principais insuficiências no início do processo de aprendizagem, o que é necessário para aquisição de uma etapa posterior. Refere-se ao processo formativo da aprendizagem do aluno, sempre informando sobre os avanços e as dificuldades tanto do processo de ensinar como do processo de aprender, dentro da concepção crítica e progressista da educação. A avaliação formativa confunde-se com a diagnóstica.

A **avaliação diagnóstica** exerce a função de verificar as possibilidades do educando para prosseguir para a próxima etapa do processo ensino-aprendizagem. Para tal, faz o diagnóstico do momento anterior do aluno, descobrindo causas das “deficiências” de aprendizagem. Pretende relatar as fases da aprendizagem em que o aluno se encontra com pretensões de fornecer dados e subsídios para o novo planejamento de ensino. Este tipo de avaliação é sempre muito usado no início de um assunto ou de uma unidade para detectar os conhecimentos prévios, chamados de pré-requisitos dos(as) alunos(as).

Para prática avaliativa, seja ela somativa, formativa ou diagnóstica, o docente precisa ater-se para algumas recomendações:

- Entender a avaliação como parte natural dos processos de ensino e de

aprendizagem;

- A avaliação deve ser construída para dar um *feedback* ao professor sobre a eficiência do processo de ensino como um todo;
- A avaliação deve ser contínua, processual e dinâmica com a finalidade formativa (artigo 24 da Lei nº 9.394/1996);
- Os instrumentos utilizados devem ser precisos, para evitar injustiças;
- As provas devem ser diversificadas, mesclando-se as diversas modalidades (objetivas e discursivas);
- Provas, trabalhos, listas de exercícios devem ser corrigidos rapidamente e devolvidos;
- As avaliações também compõem as estratégias (sua aplicação);
- O desempenho do professor também deve ser avaliado.

São algumas sugestões de instrumentos avaliativos:

- Atividades assistidas, exercícios de fixação do conteúdo;
- *Atividades de autoria*: proposta de criação, visão própria, do conteúdo estudado, nas diversas possibilidades discursivas;
- *Atividades de decalque*: completar textos, dar novas finalizações, retirar as ideias centrais, a moral, a mensagem;
- *Atividades de paródia*: reescrita de textos modificando o gênero discursivo, a estrutura;
- *Atividades de transcrição*: cópia trecho do texto, retirar do texto, identificar no texto elementos conceituais, factuais e históricos;
- Autoavaliação: análise oral ou escrita que o aluno faz do próprio processo de aprendizagem;
- Debates: afere o conhecimento a partir da argumentação;
- Frequência ativa (participação nas explicações e resolução das atividades cotidianas);
- Intervenções positivas por parte dos alunos durante as exposições dos conteúdos;
- Participação em atividades extras (olimpíadas, apresentações, exposições, eventos etc.);
- Produção de textos (resumos, sínteses, dissertações, charges, listas, fichamentos etc.);
- Prova bimestral mista (questões objetivas e discursivas);
- Prova dissertativa: série de perguntas que exigem capacidade de estabelecer

relações, resumos, análises e julgamentos;

- Prova objetiva: série de perguntas diretas para respostas curtas com apenas uma solução possível (alternativa correta, completar, relacionar, enumerar, ordenar, classificar, V/F etc.);

- Seminário e exposições: exposição oral para um público, utilizando a fala e materiais de apoio próprios ao tema;

- Teste argutivo (teste oral);

- Teste escrito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dinâmica e rotina escolar, muitas vezes associada à sobrecarga de trabalho docente e a deficiências no processo formativo no campo da Didática, contribuem para a burocratização do ato do planejamento de aula, que passa a se configurar como mais uma obrigação para se dar conta dos sistemas informatizados adotados pelas redes de ensino.

Todavia, com as reflexões, orientações e sugestões esboçadas neste breve texto, pretendeu-se resgatar a importância do plano de aula para efetivação de práticas mais qualitativas e intencionalmente estruturadas, tendo a constância em bons planos de aula alinhada à execução e consolidação de boas práticas de ensino.

Não se espera que toda aula se torne uma “aula-show”, mas que o professor de forma consciente possa quebrar, vez ou outra, a rotina de sua ação pedagógica. Para tanto, é preciso ter conhecimentos prévios do campo da Didática e de como esses saberes se somam às demandas atuais lançadas sobre as escolas, a fim de contribuir com aulas de qualidade e a aprendizagem significativa dos estudantes.

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, L. das G. C.; ALVES, L. P. (Orgs.). **Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. 5. ed. Joinville: UNIVILLE, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base**. Brasília: MEC, 2018.

CAMARGO, F. **A sala de aula inovadora: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo**. Porto Alegre: Penso, 2018.

CANDAU, V. M. (Org.). **A didática em questão**. 32. ed. – Petrópolis - RJ: Vozes, 2011.

FERRAZ, A. P. do C. M.; BELHOT, R. V. Taxonomia de Bloom: revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para definição de objetivos instrucionais. **Gest. Prod.**, São Carlos, v. 17, n. 2, p. 421-431, 2010.

GONÇALVES, A. L.; LARCHERT, J. M. **Avaliação da aprendizagem: Pedagogia, módulo 4, volume 6 – EAD**. Ilhéus, BA: EDITUS, 2012.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2002. (Col. Magistério; Série Formação do Professor).

MATUS, Carlos. **Política, planejamento e governo**. Tomo I. Brasília: Ipea, 1993. (Série IPEA; 143)

TEIXEIRA, G. **O planejamento em educação: revisando conceitos**. Disponível em: <<http://www.serprofessoruniversitario.pro.br>>. Acesso em: abr. 2012.